

Salário: ganhos reais ameaçados

A média parcial do balanço dos reajustes salariais do primeiro semestre feita pelo Dieese aponta para um ganho real médio de 0,8%, a metade do observado no mesmo período do ano passado (que foi de 1,54%). Isso se dá pelo aumento de preços, por um lado, e pela desaceleração da atividade econômica e a alta do desemprego, por outro. A taxa de desemprego calculada pelo IBGE atingiu os 6,9% em junho, 2,1 pontos percentuais acima da registrada no mesmo mês do ano passado. Entre os jovens de 18 a 24 a anos, o desemprego de 12,3% para 17,1%.

O salário está sendo pressionado para baixo, como fruto da recessão. Também segundo os dados do IBGE, o rendimento médio real (ajustado pela inflação) do trabalhador em 12 meses caiu 2,9%. Há quem acredite que o final do ano essa queda chegue a 4%. Os ganhos reais nas negociações salariais, marca dos anos Lula, estão seriamente ameaçados pela política econômica da Dilma. Esse é o retrocesso mais grave em vias de acontecer. Formar uma frente ampla de luta contra o ajuste fiscal e em defesa dos salários e do emprego é imprescindível.

Superávit faz água e novos cortes estão a caminho

Recentemente, o Presidente do PT, Rui Falcão, saudou uma possível redução na meta de superávit primário do setor público, como se isso significasse aumento das verbas liberadas para investimento e financiamento de políticas públicas.

Falcão não poderia estar mais enganado, e a vida tratou de provar isso. A redução na meta de superávit anunciada (para apenas 0,15% do PIB) não se dará por uma eventual liberação de recursos orçamentários para investimento. Mas sim pela frustração na arrecadação de receitas prevista pelo Governo, em virtude da recessão econômica. Segundo o jornal Valor Econômico, essa frustração na arrecadação em relação ao decreto de contingenciamento assinado por Dilma em maio pode chegar a R\$ 70 bilhões. Apenas no terceiro bimestre deste ano, a arrecadação foi inferior em R\$ 13 bilhões ao que estava programado no decreto. Uma fonte da área econômica ouvida pelo mesmo jornal afirmou que o principal objetivo do Governo agora é evitar que ocorra déficit primário este ano, como aconteceu em 2014. Para isso, o Governo já anunciou um novo corte orçamentário, num montante de quase R\$ 10 bilhões.

Ou seja, ao contrário do que pensava o presidente do PT, a redução na meta no superávit primário não é uma boa notícia. É péssima.

Levy perde força, o ajuste perde força, Dilma se enfraquece e a esquerda se desmoraliza

Levy perde força

O ministro da fazenda foi obrigado a rebaixar a meta fiscal. Até a semana passada, dizia que não se tratava disso, enquanto seu rival, Nelson Barbosa, defendia revisão. Agora, Levy diz que sempre foi a favor da revisão e que ela não afeta em nada a credibilidade do ajuste. Quanto à segunda mentira, voltaremos a ela adiante. Mas Levy, se não foi derrotado, mentiu sobre a revisão. Assim como sua chefe Dilma, que também disse que não estava na pauta a revisão da meta.

Assim, ou Levy é o novo Pinóquio da praça, ou sofreu realmente uma importante derrota.

O ajuste perde força

Apesar de personalidades e alguns jornalistas afirmarem que não se perdeu a credibilidade do ajuste, o golpe foi muito forte. De duas maneiras: de um, porque a palavra do ministro não foi mantida. Um dos problemas do governo Dilma é que ela nunca teve sua palavra aceita pelos agentes econômicos. A volta-face de Levy deteriora ainda mais a imagem do governo.

De outra, porque está demonstrado, de certa forma, o fracasso da política de ajuste. O governo age – e Levy na cabeça – como se, no Brasil, o problema fosse a inflação. Mas não é só a inflação. O Brasil também tem recessão. Portanto, tratar da crise como se meramente inflacionária fosse, e com os manuais anuais de Chicago na mão, não vai dar certo.

A razão principal para que o ajuste não dê certa – fora as trampolinagens de Cunha e Renan e dos populistas do PT – é que a arrecadação caiu. Lógico, já que o país está em recessão. Nossos notáveis não contaram com isso, ou subestimaram o efeito. Esqueceram, inclusive, que sua política de ajuste com subida da taxa de juros agrava a recessão.

O governo não está preparando uma solução para a crise brasileira, mas sim preparando uma brutal depressão.

Algumas vozes já se levantaram contra as absurdas taxas de juros e com o movimento de lata determinado pelo governo. Mas não são ouvidas.

O governo faz política de manual. O mundo real segue seu caminho.

Dilma se enfraquece

No mínimo, teremos uma recessão prolongada. O recuo na meta do superávit vai permitir aos setores oposicionistas do PMDB a jogarem mais no ventilador. Já recomendava o mestre: 'faça o mal de uma vez só'. Ao não fazê-lo, o governo abre seus flancos.

Vai ser sangrado.

Isso se o povo não resolver o assunto antes.

A esquerda se desmoraliza

Sem saber direito o que fazer, a esquerda vacila. A parte mais radical teme servir à direita, que logicamente avança. Os moderados decidiram defender o indefensável: o governo Dilma com seu ajuste anti-trabalhadores.

A direita vem, agora em agosto, para a rua, atacar o ajuste.

A esquerda - e até os movimentos sociais - vão, em seguida, defender o governo.

Precisamos urgente de uma frente de esquerda contra Dilma e seu ajuste. E que denuncie, ao mesmo tempo, a hipocrisia do PSDB, que grita contra o que ele mesmo defende.

Não dá para entender

87% dos brasileiros acham, segundo a Folha, que a economia está ruim.

O que se deve perguntar é como há 13% que acham que ela está boa....